

Granados (García), Luis – *La synergia en San Máximo el Confesor: El protagonismo del Espíritu Santo en la acción humana de Cristo y del cristiano*. Siena: Cantagalli, 2012. 686 p. Studi sulla persona e la famiglia – Tesi; 10.

Foi com contentamento que, no início do ano de 2014, nos foi pedido para redigir uma resenha à obra resultante do doutoramento de Luis Granados, sacerdote espanhol do *Instituto de los Discipulos de los Corazones de Jesús y María*. Com efeito, foi-nos grato poder ler uma obra que, tendo já passado pelas nossas mãos com aprazível recordação, nos havia interpelado substancialmente, não só devido ao facto de versar sobre Máximo o Confessor – autor pelo qual nutrimos especial interesse –, mas igualmente por abordar o tema da sinergia – tão importante para a teologia espiritual e mística. Se, no passado, não havíamos tido a ocasião de nos debruçar com vagar sobre a mesma, desta feita, interpelados por uma missão por nós assumida com espírito eclesial, esse óbice estava mitigado.

A presente publicação, dada à luz com grande cuidado e qualidade pela editora Cantagalli de Siena, divide-se em duas grandes secções que pretendem, talvez com um espírito demasiado ambicioso face ao resultado final, esgotar a totalidade do tema referido no título da mesma. Na primeira, o Autor dedica-se, mediante a apresentação das cogitações de Máximo acerca dos grandes mistérios da vida de Cristo, à ponderação da ação teândrica do Salvador enquanto moldura para a compreensão da categoria "sinergia". Na segunda, e ainda e sempre a partir daquelas cogitações, Granados aborda as implicações, para a vida do crente e através do exercício das virtudes por parte deste, da sinergia crística na totalidade da existência cristã.

Passaremos a apresentar, de seguida e porquanto esta estratégia nos pareceu a mais adequada para a elaboração da resenha de uma obra com a natureza da de Granados, o evoluir da exposição temática presente nos capítulos que compõem as duas antes referidas secções.

O primeiro capítulo da primeira secção, que estranhamente não leva em consideração o estudo *The Incarnational Apophasis of Maximus the Confessor*, de Janet P. Williams, versa sobre a Incarnação, mistério que revela, desde logo, que toda a ação salvífica divina em Cristo Jesus aponta para a colaboração humana. Embora ainda não se possa falar propriamente em sinergia – pois, como bem refere o Autor, a natureza humana de Cristo é meramente passiva –, trata-se de um evento que, numa dimensão pessoal aberta à vertente histórica através da relação *lógos-trópos*, aponta já para a meta, tantas vezes esquecida pela teologia de cunho latino, daquela referida ação: a divinização da humanidade de Jesus e, nesta, do cristão.

No segundo capítulo da mesma secção, o Autor analisa o mistério da Transfiguração, no qual – revelando-se a continuidade entre a Criação e a Incarnação e, assim, apontando novos modos de encarar a realidade e de conhecer a Deus – se faz visível o que estava em génese na Incarnação. A saber: a *perichóresis* pessoal das duas naturezas em Cristo Jesus, graças à qual uma única ação é realizada por dois princípios operativos. Por um lado, a pessoa divina e, por outro, a *sárx* humana, que deixa de ser meramente passiva para passar a ser docilmente guiada pelo Espírito, na realização, por uma verdadeira sinergia volitiva que brota de uma afetividade humana

intrinsecamente associada ao divino, de umas virtudes apresentadas como realidades axiais entre as inclinações e o atuar.

De seguida, somos presenteados com uma notável análise do mistério do Getsémani, que, na nossa opinião, apenas peca por não levar em consideração suficiente o estudo *Not My Will but Thine*, de Robert L. Wilken. Este é um evento-chave na reflexão de Máximo a respeito da sinergia afetiva cristológica: com a passagem da *télesis* à *boúlesis*, expressa numa perfeita concórdia volitiva que antecipa a plena divinização da humanidade do Salvador que ocorrerá no Calvário, Cristo Jesus manifesta, a nível histórico e ontológico, o seu ser enquanto transparência, obediente e filial, do Pai. Mas não só: vê igualmente capacitada a sua liberdade para consumir a salvação da humanidade.

O quarto e, na nossa opinião, mais conseguido capítulo da primeira secção do trabalho de Granados centra-se no grande mistério vivido no tríduo pascal. Mistério este que revela maximamente, de um lado, a magnitude do êxtase agápico divino em prol da Criação e, do outro, a *forma hominis*. Segundo Máximo, este mistério inaugura a nova lei da graça que, sendo de tal modo desmedida, requer a presença do Espírito Santo na *sárx*, de modo a se lograr ver no inimigo um amado e, assim, realizar sinergeticamente a vocação, sempre kenótica, da liberdade ao *agápe*. Tal incomensurabilidade estauroológica agrega os amados a Cristo Jesus, unindo a humanidade – e, por esta, o restante da Criação – a Deus, na esperança, tornada certeza ao “terceiro dia”, da realização da grande promessa do Pai: a Ressurreição.

A concluir esta secção, deparamo-nos com a análise, que podia ter resultado mais meritória através de uma maior atenção dada aos estudos de Hans Urs von Balthasar, do mistério, verdadeiramente unitário, da Ascensão e Pentecostes. Aquele mistério que revela que a dinâmica *exitus-reditus* não é simétrica, pois à “saída” do Logos pré-existente corresponde o “regresso” de um Logos humanado pró-existente, que, pela sinergia do Espírito Santo, se converte na primícia de uma nova humanidade já gloriosamente presente em Deus. De tal pró-existência resulta, na leitura que Granados faz do pensamento de Máximo o Confessor, a doação, simultaneamente intrínseca e livre, do Espírito Santo, que passará a agir – crística, mistagógicamente e a partir da mediação da Igreja nascida no Pentecostes – no ser humano numa lógica divinizadora sintetizada no *Pater*.

Avançando-se para o primeiro capítulo da segunda secção da obra aqui recensada, o mesmo versa sobre o Batismo do sujeito e a regeneração da *télesis* natural deste que é operada por tal sacramento. A partir dessa ocasião ocorre uma nova presença efetiva e afetiva de Deus no ser humano, o qual – pela encarnação e crescimento em si de Cristo Jesus, possibilitadas pela ação do Espírito Santo – recebe a graça da cofiliação e se vê inserido na Igreja. Isto, por seu lado, concede uma primeira e, embora assentida, meramente receptiva incorruptibilidade à *sárx* do crente, o que, com aquela encarnação no justo, configura uma verdadeira *perichóresis* entre o divino e o humano.

De seguida, Granados, num tema capital para a compreensão clássica da vida espiritual (que, porém, precisa de ter horizontes muito mais amplos do que os estritamente morais em que se centraram, de modo proeminente, as preocupações do Autor), debruça-se sobre como se opera o crescimento nas virtudes que purificam as paixões desordenadas e, ao mesmo tempo e pelo *trópos*, permitem a superação da indeterminação entre o *páthos* da natureza e uma ação concreta assim orientada ao *agápe*.

Graças a isto, o crente – conhecendo corretamente o que deve fazer mediante umas virtudes que, repletas da caridade, se convertem em canais da divinização – colabora sinergeticamente com o Espírito Santo na criação, mediante a transfiguração do coração humano num verdadeiro ícone de Cristo Jesus, de um microcosmos no íntimo do sujeito.

No terceiro capítulo, analisa-se, num horizonte interpretativo que poderia ter sido substancialmente ampliado por uma mais atenta consideração de *Ambigua ad Iohannem* 10, a meta da dinâmica da ação filial do crente que vive em obediência amorosa a Deus. A saber: a unificação da vontade do sujeito com a de Deus, através da conjugação do *agápe* divino com o moldar das virtudes. Tal meta, convém ressaltar, não dissolve o humano, mas, fazendo com que afetividade encontre deleite na ação de Deus, confere-lhe um alcance propriamente divino. É justamente isto que, por tal concórdia que abre o caminho à mencionada filiação, converte – não de modo nominalista, mas ontológico – cada cristão num genuíno mediador entre Deus e a Criação; isto é, e como não se cansa de aduzir o Autor a partir de distintos ângulos, no âmbito de uma sinergia entre o criado e o Criador.

Penúltimamente, Granados, no seguimento do seu decalque para o crente dos episódios capitais da vida de Jesus Cristo, reflete sobre a Eucaristia. Este sacramento – atualizando, nos símbolos visíveis tangivelmente ritualizados, a eterna ação d'Aquele – é o *locus* da capital ação de Cristo Jesus no sujeito. Um sujeito que, pelo comer o corpo de Cristo Jesus glorificado segundo a própria disposição d'Este e unindo-se corporalmente ao seu agradecimento ao Pai, passa a viver, no máximo grau admissível a quem ainda está em peregrinação para o Pai, como semelhança, real mas ainda incoativa, de Deus. Isto só é possível numa *ecclesia* na qual se opera uma comunhão pró-existente que fecunda, em si mesma e no seu prolongamento na liturgia da ação quotidiana, a humanidade e o próprio Cosmos. Com efeito, e graças à *sinaxis* eclesial, a ação de Cristo Jesus é perpetuada até à sua segunda vinda.

No derradeiro capítulo desta secção e, inerentemente, desta obra, o Autor dá a sua atenção ao mistério da comunhão, a partir de uma união com Deus que respeita a distinção com as suas criaturas, dos crentes com toda a humanidade e toda a Criação. Isto só é possível depois de, pela sinergia do Espírito Santo, ser superada a mutabilidade intrínseca à pecaminosidade, mas sem que isso seja sinónimo da eliminação de um crescimento que, conservando o *logos* próprio da condição criatural do crente, é incessante na assunção da semelhança com Deus. A grande novidade nesta condição é a *atrepsía* ou fixação – graças à presença definitiva do *Logos* no sujeito, que liberta plenamente a liberdade – num Deus que passa a ser, finalmente e numa condição distinta da que era realidade antes do início do seu desígnio de amor (afastando, portanto, todo o origenismo), tudo em todos, tal como já é, no nosso tempo presente, em Cristo Jesus: pela sinergia do Espírito.

Finda esta exposição do conteúdo do livro de Granados, passaremos a tecer umas breves apreciações globais, começando pelas que se referem a aspetos menos conseguidos do mesmo. Desde logo, e salvo alguma referência que nos tenha passado inadvertida, pareceu-nos claro que ocorrem inconsistências a nível do aparato crítico: umas vezes os textos das fontes secundárias são apresentados nos idiomas originais (cf., *v.g.*, p. 284, n. 180), outras não (cf., *v.g.*, p. 290, n. 205); umas vezes o Autor, traduzindo Máximo no corpo de texto, coloca o original grego em rodapé, outras não (cf., *v.g.*, p. 277, n. 153). Todavia, mais penoso do que isto é a evidência de que o Autor,

em muitas ocasiões, se limita a fazer paráfrases aos textos de Máximo, sem, não obstante a sua multiplicação de palavras, acrescentar nada aos mesmos. Enfim, ficámos com a impressão, talvez meramente subjetiva, de que o resultado final do estudo fica aquém do logrável, particularmente devido à exiguidade de perspectivas de análise de um Autor que é, essencialmente, um moralista.

Avançando para o elenco de alguns dos pontos mais logrados, não cabe dúvida alguma de que estamos perante uma obra de valor superior. Os motivos para esta nossa afirmação são diversos: o conhecimento da bibliografia secundária é virtualmente exaustivo e só é pena que o Autor não tenha querido, ou podido, entrar mais em debate com aqueles autores acerca dos quais, numa atitude cheia de bravata, tece comentários menos laudatórios no início da sua obra. A profundidade, rigor e clareza do texto são francamente exemplares e revelam-se ainda mais notáveis quando este estudo versa sobre um conjunto de obras, aparentemente trabalhadas a partir dos textos em grego, de intrincada composição literária, filosófica e teológica. O quase omni-compreensivo abarcar de temas – todos eles bem organizados ao redor da bem vinculada e tratada temática axial da sinergia – dá a conhecer na perfeição a matriz de todo o pensamento de Máximo o Confessor, fazendo, dessa forma e embora nos pareça que essa não tenha sido a intenção de Granados, desta obra uma das melhores introduções teológicas àquele.

Numa síntese conclusiva, resta-nos expressar a convicção de que estamos perante uma obra que, sobretudo se puder vir a ser traduzida para outros idiomas, em muito poderá enriquecer o panorama dos estudos coevos sobre Máximo o Confessor, a patrística grega, a espiritualidade a partir da matriz da divinização e, enfim, a relação entre o monoenergismo reformado e o sinergismo católico-ortodoxo. Um bem-haja, pois, a Luis Granados e à Cantagalli por este trabalho e esta edição.

Alexandre Freire Duarte